

CONSTRUINDO CAMINHOS DE POSSIBILIDADE EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA: O MESTRE SARARÁ E A MEMÓRIA DA CAPOEIRA ENTRE OS ANOS DE 1960 E 1970

Jonatan dos Santos Silva¹

Paula Barreto Silva²

Felipe Eduardo Ferreira Marta³

Resumo: Este artigo aborda as tensões e disputas geradas durante o processo de disseminação da Capoeira como possibilidade de prática corporal em Vitória da Conquista-BA, analisando os relatos do Mestre Sarará, apontado na cidade como um dos principais disseminadores da Capoeira nas décadas de 1960 e 1970. Para tanto, buscou-se como base teórico-metodológica as produções de Nora (1993), Fentress e Wickham (1992), Portelli (1997) e Meihy (2010). As lembranças dos conflitos guardadas na memória deste mestre possibilitaram investigar os meandros do processo de disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista. Os resultados apontam a presença do discurso racista, da discriminação e da exclusão socioeconômica, na imposição de barreiras ao desenvolvimento e sustentabilidade de espaços para a prática na cidade.

Palavras-chave: Capoeira; Memória; Vitória da Conquista-BA.

Creating roads of possibility in Vitória Da Conquista-Ba: The Master Sarará and the memory of Capoeira between the years of 1960 and 1970

Abstract: This paper discusses the tensions and disputes that were generated during the dissemination of Capoeira as a possibility of body practice in Vitória da Conquista-BA, analyzing the narration of Mestre Sarará, who was identified in the city as one of the main disseminators of Capoeira in the 1960s and 1970s. For that, the productions of Nora (1993), Fentress and Wickham (1992), Portelli (1997) and Meihy (2010) were searched as theoretical-methodological basis. The memories of the conflicts saved in the memory of this master made it possible to investigate the intricacies of the process of dissemination of Capoeira in Vitória da Conquista. The results demonstrate the presence of racist discourse, discrimination and socioeconomic exclusion, with the imposition of barriers to the development and sustainability of spaces for practice in the city.

Keywords: Capoeira; Memory; Vitória da Conquista-BA.

Construyendo caminos de posibilidad en Vitória Da Conquista-Ba: El Maestro Sarará y la memoria de la Capoeira entre los años de 1960 y 1970

¹Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Email: jonatandon@gmail.com

² Mestra em Letras: cultura, educação e linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Email: paulabarreto2008@gmail.com

³ Doutor em História pela PUC-SP; Pós-Doutorado pela Virginia Tech-USA; Professor Titular do Departamento de Ciências Naturais (DCN); Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB; Docente do Curso de Educação Física, vinculado ao Departamento de Ciências da Saúde-DCS da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC; Coordenador do Grupo de Pesquisa CORPORHIS - História, Corpo e Cultura. Email: fefmarta@gmail.com

Resumen: Este artículo aborda las tensiones y disputas generadas durante el proceso de diseminación de la Capoeira como posibilidad de práctica corporal en Vitória da Conquista-BA, analizando los relatos del Maestro Sarará, señalado en la ciudad como uno de los principales diseminadores de la Capoeira en las décadas de 1960 y 1970. Por lo tanto, se buscó como base teórico-metodológica las producciones de Nora (1993), Fentress y Wickham (1992), Portelli (1997) y Meihy (2010). Los recuerdos de los conflictos guardados en la memoria de este maestro posibilitaron investigar los meandros del proceso de diseminación de la Capoeira en Vitória da Conquista. Los resultados apuntan a la presencia del discurso racista, de la discriminación y de la exclusión socioeconómica, en la imposición de barreras al desarrollo y sostenibilidad de espacios para la práctica en la ciudad.

Palabras clave: Capoeira; Memoria; Vitória da Conquista.

Introdução

A Capoeira é uma construção realizada a partir das matrizes civilizatórias africanas. É uma prática corporal que tem a Roda como elemento e que se transforma em espaço da vida cotidiana e prepara o corpo do praticante para a vivência na sociedade. Ao se analisar a história da capoeira, é possível perceber alguns pontos de tensão⁴, quando a sua prática não foi aceita e foi colocada em questão pela sociedade. Isso perdurou até os tempos atuais. É possível perceber que seus praticantes reivindicam seu espaço na sociedade brasileira. Essas tensões podem ser consideradas como indícios de que a capoeira travou lutas ferrenhas para ser aceita na sociedade.

A Capoeira, na cidade de Vitória da Conquista-BA, não se distancia desse contexto. A existência de tensões, ocasionadas pelas disputas, ao longo do processo de disseminação da Capoeira, mostra-se como reflexo das lutas enfrentadas atualmente pelos Mestres de Capoeira. Encontram-se indícios de que o processo de disseminação da Capoeira na cidade tem elementos que demonstraram situações conflitantes na relação entre o poder político local e os praticantes de Capoeira, gerando dois universos distintos e incompatíveis. Nesse sentido, o trabalho pretende investigar o processo de disseminação da capoeira na cidade de Vitória da Conquista-Ba.

Após conversas com os praticantes de Capoeira na cidade, foi possível perceber vários indicativos que apontavam para conflitos no processo de disseminação da Capoeira na cidade, provocando um incômodo que apontava caminhos para que se pudesse definir a Capoeira como um elemento da cultura afro-brasileira e como uma prática corporal que possui uma representação significativa no cenário da cultura corporal no Brasil.

Nesse sentido, foi eleita como lócus desta pesquisa a cidade de Vitória da Conquista-BA, localizada no interior da Bahia, “palco de uma dinâmica urbana repleta de contradições e conflitos” (FERRAZ, 2001, p. 21). Ferraz (2001) afirma que o fato de a cidade se situar em um “entroncamento rodoviário”, devido à presença da BR 116, “que faz a ligação Norte-Sul do país”, influenciou o desenvolvimento econômico da cidade, que assumiu um

⁴ Vale ressaltar aqui que todos os esportes, de acordo com Bracht (1997), possuem suas tensões, em maior ou menor grau. Entretanto, longe de se configurar como esporte genuinamente mundial, no período histórico a que esta pesquisa se refere, encontram-se indícios de que a capoeira em Vitória da Conquista foi marcada pela relação conflitante entre seus praticantes e os representantes do poder político local na cidade.

papel fundamental como ponto de articulação entre a região Nordeste e o Centro-Sul do País. Além disso, a cidade é a terceira maior cidade da Bahia, com desenvolvimento intensificado “a partir da década de 1940 (...), quando passou a expandir a sua malha urbana num processo crescente” (FERRAZ, 2001, p.22).

Os estudos de Ferraz (2001) reforçam aquilo que os primeiros praticantes de capoeira da cidade, nas décadas de 1950 e 1960, relatam sobre o processo de desenvolvimento urbano, em especial no que tange às diversas transformações vivenciadas pela cidade, como o desenvolvimento do comércio e a abertura das estradas que fazem entroncamento em Vitória da Conquista-BA.

A hipótese com a qual se trabalha parte da premissa de que o processo de disseminação da Capoeira, como possibilidade⁵ de vivência na cidade de Vitória da Conquista-BA foi permeada por tensões e disputas de cunho econômico, cultural, étnico-racial e social a partir da década de 1960. A lembrança desses conflitos estaria guardada (silenciada) na memória dos mestres de Capoeira, que contribuíram para esse processo de silenciamento. Assim, esta pesquisa buscou investigar as tensões e disputas geradas durante o processo de disseminação da Capoeira como possibilidade de prática corporal em Vitória da Conquista-BA. Para tanto, foram analisados os relatos do Mestre Manuel Sarará que, de certa forma, contribuiu para que a Capoeira, na cidade, fosse disseminada. A baliza cronológica compreendida em seus relatos ocorre entre os anos de 1960 e 1970.

O corpo enquanto caminho teórico

A memória é um fenômeno multimodal, que possibilitou tratar a Capoeira como fio condutor desta pesquisa. Para compreendê-la, nos apoiamos no antropólogo James Fentress (1992) e no historiador Chris Wickham (1992), os quais colaboraram no sentido de se pensar a memória no âmbito social. Esses autores descrevem a Memória Social dentro de uma concepção que prima pela dimensão coletiva da vida de cada indivíduo, “desconsiderando que esta memória não está conectada à vontade coletiva interiorizada” (FENTRESS; CHRIS, 1992). Na lógica desses pensadores, os relatos de memória do mestre Sarará tratam de uma memória social, por estarem relacionados às experiências que cada um viveu em seu grupo social determinado, atribuindo esse fenômeno às recordações partilhadas.

O historiador Pierre Nora (1993) corrobora com as ideias de Fentress e Chris (1992) nesse sentido uma vez que enfatiza a memória atribuída aos lugares e a diferença fundamental entre memória e história. Para o autor, a história se configura como reconstrução de algo que não existe mais, sendo

⁵ Dessa maneira, ao se analisar o conteúdo das entrevistas, algo que chamou a atenção se referiu a um dualismo predominante na Capoeira (Angola e Regional). Este dualismo influenciou, de forma marcante, os relatos, na medida em que os mestres recordavam os meandros do processo de disseminação da Capoeira na cidade como possibilidade de experiência. O termo *condição de possibilidade* é utilizado a partir da análise que Angélica Epple fez das obras de Michel Foucault sobre a construção de uma historiografia, do ponto de vista do gênero. Porém, neste estudo, transferiu-se a temática sobre “gênero” para cultura corporal.

artificial e sem sentido de continuidade do presente em relação ao passado. Em contrapartida, a memória trata das vivências cotidianas relacionadas aos hábitos que sobrevivem ao longo do tempo e não desaparecem de forma radical, por ter continuidade e constantes reinvenções.

Dessa forma, os estudos de Nora (1993) contribuíram no sentido de se considerar os vestígios de memória, que vão desaparecendo de forma acelerada, devido ao ritmo da vida contemporânea. Caso elas deixem de existir, os locais de memória vão fazer com que esta não desapareça, já que, para este autor, a memória verdadeira é abrigada no gesto, no hábito, nos ofícios que se transmitem pelos saberes do silêncio e nos saberes do corpo.

O corpo apresentado neste trabalho é pensado a partir da cosmovisão africana, em que a própria história é constituída através dos corpos, uma memória ancestral, que constitui a prática da Capoeira, ao compor “um repertório de pensares-saberes-fazeres, que fundamentam os conhecimentos produzidos pelos grupos e pelos sujeitos do passado e do presente, que, ao longo do tempo, contribuíram de maneira significativa para a permanência e a transmissão desses saberes” (RAMOS, 2017, p. 85). Além de entender o corpo a partir da ancestralidade, é por meio dele que o “capoeirista” evoca a *encruzilhada*, aos pés do berimbau, antes de iniciar o jogo, para dialogar com a ancestralidade, durante a execução de seus movimentos na roda. Assim, o corpo é visto como ponto de convergência dos elementos que compõem a roda de Capoeira, manifestado no *Corpo-capoeira*⁶, por meio da Corporalidade.

É o mesmo *Corpo-capoeira*⁷, referendado aqui, que possui característica de se mostrar resistente e adverso a situações de exploração. Ele se revela constantemente estigmatizado, a partir de um sistema vigente que se implantou no Brasil, com a intensificação da exploração da mão-de-obra para colonizar e adestrar. Nesse sentido, Vigarello (2003a) apresenta, em seus estudos, algumas formas de entender o corpo, pautadas na própria história e nos modelos construídos ao longo dos anos. Entre essas formas estão: o *princípio da eficácia* - no qual se entende o corpo como mecanismo capaz de produzir uma ação, através dos sistemas orgânicos; o *princípio da prosperidade* - que é a fase de posse de um espaço, por meio do corpo, em que o ser se apropria de si da forma mais íntima possível; e o *princípio da identidade* - que é a manifestação de uma interiorização pelo corpo, ao transmitir mensagens no sentido voluntário ou involuntário.

⁶ É uma analogia feita a partir do termo utilizado por Ramos (2017) sobre o “Corpo-Encruzilhada”, o qual se define como um “todo corporal” indivisível e inseparável que comporta uma experiência sensível e incorporada. Sendo, ainda, uma metáfora constituída a partir dos atravessamentos/entrecruzamentos que constituem as experiências dos sujeitos nas relações empreendidas a partir da ancestralidade e do tempo-espaço espiralado.

⁷ Longe do entendimento do corpo como centro das traduções racionais européias, tentou-se buscar, com o auxílio dos estudos de Castro Júnior (2010), as formas de linguagem e de expressão embutidos nos saberes escondidos no corpo através dos gestos. Para este autor, o corpo-capoeira é usado para a produção de narrativas e de conhecimento; o corpo-território compreende a dimensão espaço-tempo de nossas lembranças ancestrais de experiências acumuladas; e o corpo físico-social, na capoeira, é composto de vários gestos manifestados pelos golpes, que irão compor o arcabouço de possibilidades, nas quais o corpo se movimenta.

Essa ideia de se pensar o corpo historicizado remete ao pensamento de que deve-se entender o corpo, não como um objeto da consciência, mas sim como fornecedor de possibilidades de ser seu próprio condutor, como nos mostra George Vigarello (1995), em sua obra intitulada "História do corpo", a partir de seus estudos sobre o entendimento da concepção de corpo presente nos estudos fenomenológicos de Merleau-Ponty (1999).

Aspectos metodológicos

Utilizou-se a metodologia da história oral, seguindo os apontamentos de Portelli (1997), para compreender as tensões e as disputas durante o processo de disseminação da Capoeira, na cidade, com base nos relatos orais do mestre Sarará, cuja trajetória se iniciou a partir da década de 1960. O autor se refere aos relatos orais como documentos do presente, sob a responsabilidade do entrevistado e do entrevistador, um presente compartilhado.

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato da História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais (PORTELLI, 1997, p. 16).

A história Oral é reconhecida por vários pesquisadores como metodologia que contribui na compreensão, recriação e aprendizado crítico do presente, que vai possibilitar os diálogos serem reconstruídos (CALDAS, 1999). Os pesquisadores da História Oral afirmam que a temática trazida por ela adentra a realidade social: os grupos marginais ou em vias de desaparecimento, discriminados, submetidos, analfabetos, etc., visualizando a história por um ângulo pouco visto pelos historiadores (ARÓSTEGUI, 2006).

Meihy (2002) nos alerta sobre a confusão existente no uso da memória grupal, coletiva e social, e até a própria História. Para ele, a memória é um suporte para as narrativas de história oral, mas não a História em si, como ele explica

[...] a história oral mantém um vínculo importante com a questão da memória, e vice-versa. A transposição das narrativas da memória para a história, a sociologia, a antropologia ou outra qualquer disciplina acadêmica, no entanto, se dá na capacidade de diálogo entre a memória, a mediação da história oral e a história ou suas

correlatas irmãs (MEIHY, 2002, p. 62).

A Capoeira, como objeto de estudo desta pesquisa, possibilitou o diálogo entre os estudos de Meihy (2002) e outras fontes, bem como o diálogo com a documentação encontrada, a partir dos relatos do Mestre entrevistado. Por isso, as fontes documentais apontadas neste estudo, vão relativizar o peso dado aos relatos (MEIHY, 2002). As entrevistas, para Meihy (2002), devem ser a base de efetivação dos resultados, para serem garantidas como método. Por isso, ele define história oral como sendo um recurso usado para elaborar documentos, arquivamentos e estudos relacionados a experiências sociais, pessoais e grupais. É uma prática de apreensão de narrativas feitas por meios eletrônicos, destinada a recolher testemunhos e a promover análises de processos sociais do presente. Ela é precedida por procedimentos definidos num projeto (MEIHY, 2002, p. 14).

A História Oral, neste artigo, lança o olhar sobre o mestre de capoeira como sujeito ativo no processo de construção da memória em torno dele. Consideram-se os aspectos ligados às diferentes classes, papéis exercidos e espaços sociais, como uma metodologia interessante, por levar em consideração os problemas levantados, para que a História ganhe uma nova dimensão. Em contrapartida, essa mesma História Oral, vista como método, ainda mantém tabus em relação a sua relevância e fidedignidade entre outros pesquisadores. Considera-se que, assim como os documentos construídos a partir de novas fontes e de relatos orais são passíveis de questionamentos, pode-se também indagar sobre a fidedignidade de documentos oficiais, credibilizados pelas fontes oficiais, por serem passíveis de dúvidas.

Sobre isso, Thompson (1992) diz que, ao se observar o historiador em ação, ao examinar suas fontes, nota-se que ele tenta comprovar a sua autenticidade, a partir de perguntas sobre a sua origem, existência e criação. Haguette (1987) ainda nos previne sobre o fato de se considerarem as fontes orais como resultado da pesquisa com apenas um indivíduo, neste caso, o Mestre Sarará, que vivenciou o processo de disseminação da capoeira na cidade. Para Thompson (1992), essa fidedignidade se busca através de consulta a um grupo.

A definição de Capoeira como luta, referenciada nesta pesquisa, confirma os entendimentos do mestre que deu voz a este artigo e também parte do entendimento sobre Capoeira como “jogo atlético, dança e luta, brincadeira e combate, mandingueira e objetiva, malandra e vadia (...) sendo a resistência de um povo integrado à massa, é cultura, é raça, enfim é o fenômeno inacabado” (SILVA, 2003, p.35). Ao se buscar apoio teórico nas pesquisas de Sodré (1983), encontra-se uma descrição da dinâmica da roda de Capoeira:

[...] forma-se uma roda composta de um ou mais tocadores de pandeiros, caxixis ou reco-recos. Em seguida, dois homens entram no círculo, abaixando-se na frente dos músicos, ao som dos instrumentos e de canções (chulas) específicas. Na capoeira dita Angola, ao se cantar a expressão “volta ao mundo”, está dado o sinal para início do jogo. Então, mobilizam-se totalmente os corpos dos jogadores. Mãos, pés, joelhos, braços, calcanhares, cotovelos, dedos, cabeças combinam-se dinamicamente em esquivas e golpes, de

nomes variados: aús, rasteira, meia-lua de compasso, martelo, rabo-de-arraia, bênção, chapa-de-pé, chibata, tesoura e muitos outros (...) todos se fazem acompanhar do ritmo não rigorosamente simétrico do berimbau, que apóia (sem comandar) os movimentos dos jogadores numa gradação do menos ao mais rápido, do lento ao prestíssimo. Angolinha, São Bento Grande, São Bento Pequeno, Jogo de fora, Jogo de dentro, Iúna, Cavalaria, Santa Maria⁸ (SODRÉ, 1983, p. 153-154).

Nesse movimento ritmado por diversos sons e cantos, buscam-se as raízes da ancestralidade presente em inúmeras construções civilizatórias percebidas, sem muitos esforços, em diversas práticas culturais brasileiras. Por meio de sua ginga, – atitude do Capoeirista – a memória é revivida durante o jogo, traçando caminhos em torno do círculo e legitimando suas construções sociais.

Ao se analisar a trajetória histórica da Capoeira, podem-se perceber que ela sofreu constantes alterações, ao se considerar o corpo como uma construção social, além de contemplar a busca incessante pela reivindicação e ampliação da participação política na sociedade brasileira (REIS, 1994). Isso não esteve distante da realidade apresentada em Vitória da Conquista, onde a Capoeira, presente nessa *encruzilhada*⁹, foi buscando seu caminho e escrevendo sua história, desde o “sertão baiano”, até seu processo histórico-social pelo Brasil.

Em vista disso, o município de Vitória da Conquista está localizado na Região Sudoeste¹⁰ da Bahia. Essa localidade possui o atual nome, por ter sido constituída através de relações étnicas raciais diversas, registrando a existência dos povos indígenas Kamakan, Ymboré e Pataxó, anteriores à chegada dos bandeirantes. Assim, com a chegada dos desbravadores, aumentam os conflitos e enfrentamentos, causados a partir da resistência indígena à ocupação portuguesa até o momento denominado de “banquete da morte”, quando os portugueses fizeram um convite aos índios Mongoyós para festejar uma trégua nos combates. Assim, sob os efeitos do álcool ofertado pelos portugueses, todos foram cercados e dizimados pelos soldados, inclusive mulheres e crianças (AGENDA 21, 2004).

Entretanto, não demorou muito tempo para que a localidade deixasse a condição de Vila para se tornar município pela Lei Provincial nº 124 de 19/05/1840, tendo a vantagem, nas primeiras décadas do século XX, de ser um ponto de passagem da localidade, devido ao surgimento das rodovias e a

⁸ Toques de berimbau e diferentes estilos de jogos de Capoeira.

⁹ Falar em *encruzilhada* remete à simbologia célebre do *Orixá Exú*. Por isso, esta pesquisa inicia a discussão saudando-lhe com o devido respeito. *Exú* é apresentado por Verger (2000) como sendo o mais humano dos Orixás, nem completamente mau, nem completamente bom. Segundo esse autor, suas características são descritas a partir de qualidades e defeitos, por se mostrar dinâmico e jovial, sendo, assim, um Orixá protetor.

¹⁰A Região Sudoeste da Bahia está localizada entre 13° 02' a 16° 00' de Latitude Sul e 39° a 41° de Longitude Oeste. É uma das 15 regiões econômicas do estado da Bahia, proposta pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI-BA, a partir da década de 1980 e 1990. Possui 39 municípios, o que equivale a uma área de 42.542,9 km, correspondente a 7,5% do território baiano. Possui uma população de 1.144.138, conforme censo do ano de 2007, equivalente a 8,13% da população do Estado. Disponível: www.sei.ba.gov.br. Acesso: maio de 2017.

abertura da estrada de ferro entre Jequié e Nazaré, em 1920, o que incentivou os investidores locais a abrir estradas rumo a Jequié. Isso favoreceu diretamente o desenvolvimento econômico da cidade (AGENDA 21, 2004).

A cidade passou então a viver uma dinamização comercial e um crescimento populacional considerável. Além disso, a construção da rodovia Ilhéus-Lapa (Avenida Brumado), na década de 1940, foi um fator gerador do impulso do comércio e do crescimento populacional. A partir da década de 1950, o Município vivenciou a construção da BR-116 – Rio-Bahia, (Avenida Presidente Dutra, atualmente denominada de “Avenida Integração”), o que tornou a cidade um ponto de irradiação, “encruzilhada”, para os grandes centros nacionais. Dessa forma, a cidade de Vitória da Conquista-Ba, durante a década de 1950, passou por um processo de contradição no modelo econômico, que se materializou pela divisão da cidade em dois lados, onde um deles prevaleceu uma pobreza generalizada da população (TANAJURA, 1992). Isso levou a cidade a ser identificada pela divisão em duas localidades separadas pela BR-116: “Lado Leste” e “Lado Oeste”.

Esse fato é reforçado por Corrêa (1995), ao retratar que o espaço da cidade “[...] é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social” (CORRÊA, 1995. p.8). Dessa maneira, considera-se que a cidade é uma construção social pertencente a uma sociedade desigual.

A divisão da cidade em dois lados, Leste/Oeste, representava uma concentração de pessoas pobres do lado Oeste e de pessoas com alto poder aquisitivo do lado Leste, embora houvesse a existência da pobreza em ambos os lados. Segundo Santos e Almeida (2009), estas últimas eram favorecidas com o centro administrativo e de serviços, o que representa uma separação social, sedimentada por uma barreira geográfica urbana real.

Apesar de ser nítido o desenvolvimento urbano da cidade, e a importância de ter se constituído geograficamente uma “encruzilhada”, interposta entre o litoral e “os sertões”, é necessário se questionar de que forma as práticas corporais, oriundas do povo negro, sobreviveram na cidade e em quais espaços isso era possível.

O Mestre Sarará e os caminhos pela disseminação da Capoeira

Analisando-se os caminhos percorridos pelo Mestre Manoel Sarará, observa-se que ele se insere nessa grande roda da cidade, tendo em vista seu primeiro contato com a Capoeira, a partir dos anos 1968/1969, na cidade de Vitória da Conquista. A memória desse mestre é cercada de disputas, tensões e conflitos, desde a chegada de sua família à cidade, seu ingresso no mercado de trabalho, até encontrar a prática da Capoeira e começar a treinar em um Circo, presente na cidade nessa época, conforme pode-se observar:

[...] Nasci em fazenda São Matias, interior de Vitória da Conquista, vim para Conquista com 2 a 3 anos de idade, filho de José Fernandes – tropeiro e comerciante, amansador de burro brabo – que é meu pai; minha mãe dona de casa. Roçava quiabento, unha de gato para ganhar três “reais” por dia. O negócio apertou para meu

pai porque saiu de família humilde. Nós viemos para Conquista quando chegou em conquista ele conseguiu uma tropa de boi e viajava comercializando mercadorias entre Itabuna, Ilhéus, Camacã, Canavieiras, voltava para Conquista. Aí nós foi desenvolvendo, crescendo economicamente trabalhava pelo comércio e vivendo pelo que tinha pela precisão me ingressou na oficina. Comecei trabalhar na oficina e aí quando foi em 68/69¹¹ (...)

Retomando a fala do Mestre Sarará, ele deixa claro que, ao passar por dificuldades financeiras, sua família é conduzida ao fenômeno da migração interna de moradores do meio rural para o centro urbano, em busca de melhores condições de vida, pela inserção no mercado de trabalho.

Imagem 1- O Mestre Manoel Sarará.



Fonte: Acervo pessoal do Mestre Sarará, 2017.

Nesse período, a cidade acompanhava um desenvolvimento econômico que atraía pessoas de diversos lugares. As análises de Pereira *et al* (2010), a respeito do processo de urbanização de Vitória da Conquista-BA, mostram, durante as décadas de 1960, uma mobilidade do trabalho do campo para a cidade. Um fenômeno ocorrido em outras partes do Brasil, em que prevalecia uma migração às cidades médias, para onde milhares de camponeses passaram a migrar. Os pesquisadores atribuem a esse fenômeno os seguintes fatores preponderantes: expropriação de suas terras; ausência de políticas que garantissem a permanência no campo; processo de mecanização/modernização da agricultura; crise na atividade agrícola (PEREIRA *et al.*, 2010).

A cidade de Vitória da Conquista-BA passa por processo semelhante, em um momento histórico de expansão econômica, consolidando-se como cidade média, o que atraiu a família do Mestre Sarará. De acordo com Rocha e Amaral (2011), a BR 116, em Vitória da Conquista-BA, foi preponderante para o aumento das migrações internas das áreas rurais para as áreas urbanas. Além disso, o processo de expansão da cafeicultura e os investimentos financeiros que a atividade necessitava motivaram ainda mais o processo migratório.

¹¹ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

O Mestre Sarará e o primeiro contato com a Capoeira

Mestre Sarará conheceu a Capoeira, através de uma apresentação/espetáculo de Circo, conhecido na época como circo “Coca-Cola”, a partir de um praticante de Capoeira, o “Negro Lula”, de quem posteriormente se tornou auxiliar durante as demonstrações.

[...] Na década de 68 ou 69 por aí, em Vitória da Conquista apareceu o circo por nome Circo Cola-Cola, muitos da minha idade lembra desse circo que teve aqui (...) Então nesse circo nos finais de semana tinha luta livre, vale tudo e Capoeira. Tinha um rapaz – o Negro Lula – era capoeirista do circo e me chamou para eu ser auxiliar dele. Comecei a treinar Capoeira, gostei da Capoeira, aí o que aconteceu o circo foi embora (...) continuei treinando Capoeira e assim que me deu os primeiros passos na Capoeira. (...) treinando a Capoeira, sozinho¹².

Essa memória do Circo “Coca-Cola” despertou atenção, nesta pesquisa, devido o fato de que o entrevistado apontou caminhos nos quais a origem da Capoeira na cidade se tivesse sido através da passagem temporária dos espetáculos promovidos por este Circo em Vitória da Conquista-BA, já que era o lugar onde as pessoas se encontravam para apreciar as mais diversas peças teatrais, comédias, dramatização, música até as interpretações normalmente encontradas em espaços religiosos, como acontece nas igrejas.

Imagem 2– Manoel Moreira dos Santos¹³, proprietário do Circo “Coca-cola”



Fonte: Arquivo pessoal de Carmem Moreira dos Santos, 2017.

Além de ter passado por várias cidades da região de Vitória da Conquista-BA, o Circo Coca-Cola, citado nos relatos da senhora Carmem¹⁴,

¹² Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017

¹³ Foto registrada em frente ao Circo “Coca-cola”.

¹⁴ Filha do casal proprietário do estabelecimento naquela época, o senhor Manoel Moreira dos Santos e a senhora Carmelita da Silva, de quase 100 anos de idade. Funcionária pública, 61 anos de idade, mãe de três filhos (Ezequias Neto, Eliã e Elizene, ambos com sobrenome Batista dos Santos.) e avó de Breno Aymar Batista, Isabelle Vitória Almeida e

também teve passagem por alguns bairros em Vitória da Conquista-BA, entre eles no Bairro Iracema (vizinho do bairro Guarani), “onde hoje funciona a primeira Igreja Batista Conquistense”, Bairro Jurema, na praça “Zé Garante”, local onde o Mestre Sarará diz ter visto a Capoeira pela primeira vez, Bairro Alto Maron (“Feira do Alto Maron”), Bairro Brasil (em frente ao Orfanato), depois retornou ao Bairro Jurema devido o sucesso que obteve quando passou por lá pela primeira vez, e também retornou para cidade de Barra do Choça-BA.

A imagem acima mostra “*Seu Coca*” de pé, em frente o Circo e, atrás, alguns detalhes da entrada do circo, sustentada por suportes de madeira em que se encontra um letreiro nomeando o circo *Coca-Cola*.

As lutas apareceram nos relatos de Carmem, devido a ela ter recordado as atrações do Circo, que causavam euforia na platéia, O *lobo Paulista* e o *Diabo Loiro*. De acordo com ela, o primeiro morava em Belo Horizonte e era convidado para se apresentar durante os espetáculos e fazia parte das atrações principais preferidas pelo público; e o segundo era protagonista dos espetáculos de lutas que ousavam desafiar o próprio público presente no circo, popularizando o estilo “*Telecatch*” de lutar:

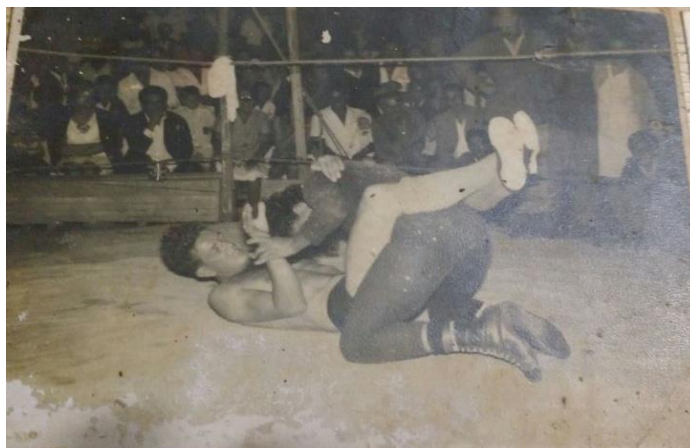
[...] Era ele e uma mulher. Então ele lutava com a mulher. Depois ele desafiava para a outra noite, qual o homem ou mulher que iria enfrentá-lo? Porque a mulher ganhava dele para ser um atrativo. Ele perdia para desafiar alguém da praça para ver se ganhava, já que ele perdeu para uma mulher, encorajando os outros. Aí ele vinha na praça e não conseguia vencer ele não. Ele tinha uns golpes que acabava enfraquecendo a pessoa. E tinha aquele momento da contagem que parecia as lutas de hoje. O nome era ‘Luta Tele catch’. Era brigando com a mão podia dar murro, não podia afetar o estômago, não podia bater na cabeça. Então era uma ‘Luta livre’, só que não é, porque hoje tem a luta livre de boxe, que é diferente. Mas a dele não, era a mão livre¹⁵.

Esta imagem mostra a luta entre o “*Diabo Loiro*” e um morador da “Praça Zé Garante” que foi desafiado durante o espetáculo no próprio Circo Coca-Cola, no final dos anos 60, Bairro Jurema em Vitória da Conquista-BA.

Imagem 3 – Luta Livre no Circo “Coca-Cola”: Final dos Anos 60

Pedro Hebert Mendonça. Atualmente reside na Rua Democrata, bairro Guarani, começou seus estudos após seu casamento nas décadas de 1970 e cursou o Magistério. Hoje, prestes a se aposentar dedica-se às atividades religiosas, docência na rede municipal de ensino e às atividades pedagógicas na Escola “Tia Zefa”, juntamente com suas filhas, também educadoras.

¹⁵ Relato concedido por Carmem Moreira dos Santos, no dia 20 de dezembro de 2017.



Fonte: Arquivo pessoal de Carmem Moreira dos Santos, 2017.

A presença das lutas no “*Circo Coca-cola*” confirma-se, na fala do Mestre Sarará, quando ele lembra as “*Lutas Telecatch*”¹⁶, termo utilizado até hoje no contexto da capoeira, principalmente quando um dos jogadores não ofereceu muitas alternativas de desenvolver um “*jogo limpo*” e opta por agredir fisicamente o outro, usando golpes que oferecem riscos de lesão ou até de morte ao adversário.

Assim, ao ser questionada sobre a possível presença de algum capoeirista no circo, Dona Carmem lembra que o circo contava com muitos convidados de outras cidades e que sempre apresentavam novidades. Daí, por estar envolvida na bilheteria, ajudando o pai na venda de ingressos e se preparando para apresentar vários *números* em um mesmo espetáculo, ela não recordou especificadamente quem era o responsável pela apresentação de Capoeira, já que

[...] o capoeirista que vinha e apresentava para o circo, era convidado (...). Hoje é mais comum. Naquela época era novidade. Então sempre tinha meninos de 11, 12 e 13 anos que aprendia depois de ficar ‘*enfucando*’ os pais, até que os pais vinham, pagavam os ingressos e eles entravam, e acontecia aquela aula de meia hora, era aplaudido, era uma atração, era diferente¹⁷.

Dessa forma, é necessário reconhecer que, quando se trata de memória e história oral, como “*versões do passado*”¹⁸, há interferência do momento vivido, no passado, pela entrevistada, sobre o momento presente, quando ela rememora fatos, fazendo referências a um momento de sua vida atribulada pelo trabalho, para sustentar a família e ao divertimento do

¹⁶ De acordo com Passos (2013, p.1), “*Telecatch*” “foi um dos principais pilares da cultura de massa televisiva. O auge de sua popularidade ocorreu nas décadas de 1960 e 70. Desde sua estréia em 1959, na TV Tupi, a luta livre brasileira foi transmitida pelas TVs Record, Bandeirantes, Cultura, Globo e Gazeta”.

¹⁷ O Lobo P - Lutador de Luta Livre no Circo Coca-Cola em Vitória da Conquista-BA, no final dos anos 60 e início dos anos 70. Relato concedido por Carmem Moreira dos Santos, no dia 20 de dezembro de 2017.

¹⁸ Sobre isto, retorna-se à discussão de Portelli (1997) sobre as possibilidades oferecidas pela oralidade sobre a História Oral, já que para ele, ambas estão intrinsecamente ligadas à memória.

público no Circo, este último como equipamento e lugar específico para o lazer. Por isso, apesar do seu envolvimento com os trabalhos, Dona Carmem identifica a presença da Capoeira no circo na vertente dos espetáculos e de ensino e aprendizado durante os momentos que antecipavam o início dos espetáculos, “acontecía aquela aula de meia hora”¹⁹.

Esses relatos coincidem, de forma mais próxima, com o “espaço-tempo”²⁰, trazido pela memória do Mestre Sarará, referente às suas vivências, no final dos anos 60 e início de 70, dando credibilidade aos seus relatos orais. Tais relatos “são um documento do presente e, por conta disso, são aceitáveis, porém com uma credibilidade diferente” (PORTELLI, 1997, p.32).

A trajetória de vida do Mestre Sarará é marcada pela passagem do circo pela cidade e pela presença da Capoeira, através do trabalho do “Negro Lula” desenvolvido durante e após os espetáculos. De acordo com o Mestre Sarará, os circos não se estabeleciam na cidade por muito tempo, e, junto a ele, mudavam-se as pessoas que trabalhavam nos espetáculos e nos bastidores. Dessa maneira, tentamos encontrar “Negro Lula”, porém, a única informação que tivemos foi a de que ele morava na cidade de Itambé-BA²¹, a 56 Km de Vitória da Conquista-BA.

A indústria do turismo no processo de disseminação da capoeira

Foi importante abrir essa discussão a respeito da presença da Capoeira no circo, devido a Bahia ter passado por um processo de investimento na área turística, desde 1960, denominado de “Indústria do Turismo” e marcado pela chegada dos voos internacionais em Salvador-BA. Isso provocou o processo de interiorização da Capoeira que, ao longo dos anos, se expandiu não só apenas para as cidades do interior, mas para todo o mundo.

Esse assunto é estudado por Castro Jr. (2010) em sua publicação “Campos de Visibilidade da Capoeira Baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)”. O autor aborda a influência da indústria do turismo no cotidiano das cidades e nos corpos dos seus habitantes, provocando um reordenamento dos espaços públicos e privados,

¹⁹ Relato concedido por Carmem Moreira dos Santos, no dia 20 de dezembro de 2017

²⁰ O texto *Espaço da recordação: formas e transformações da memória cultural* de Aleida Assmann (2011) retrata a dimensão multimodal e transdisciplinar da memória. A sua compreensão acerca da memória perpassa o entendimento de arte como uma técnica, ao definir seu conceito de *mnemotécnica*. Para isso, utiliza a dimensão do espaço como elemento que sustenta a mnemotécnica, desconsiderando a dimensão temporal, elemento fundamental para se compreender a memória como potência. Dessa forma, a memória entendida como potência dá prioridade não mais ao espaço como processo primordial, mas sim, ao tempo. Assim, a memória que foi apontada neste trecho da pesquisa se trata de uma memória como faculdade subjetiva e não uma técnica específica.

²¹ Itambé é um município da microrregião de Itapetinga, no estado da Bahia, no Brasil. Situado a 346 metros acima do nível do mar, sua área é de 1,442 km². É habitada por 23,106 pessoas Senso IBGE 2010. De acordo com a Lei Estadual 2 042, de 12 de agosto de 1927, o povoado adquiriu a sua emancipação política (o povoado do Verruga pertencia até então ao município de Vitória da Conquista). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Itamb%C3%A9_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Itamb%C3%A9_(Bahia)). Acesso em dezembro de 2017.

centro e periferia e como esse impulso interfere diretamente na cultura da Capoeira.

A indústria turística passou a vender os produtos culturais da terra: culinária, símbolos religiosos, especialmente os afro-brasileiros presentes no Candomblé, as paisagens naturais, artesanato, danças e jogos aos turistas. Tudo considerado folclore. Assim, nesse pacote foi incluída também a Capoeira. O referido pesquisador vai dizer que: “embora o discurso reforçasse a ideia de valorização e respeito às práticas culturais, essas manifestações eram apresentadas como alegorias folclóricas para o público turístico” (CASTRO JR., 2010, p. 48).

Se, por um lado, a Capoeira ganhou pela promoção e pela divulgação como símbolo do folclore da cultura baiana no Brasil e no mundo, resultando em aumento da renda para “os capoeiras”; por outro, perdeu, em sua forma de manifestação, que passa ser feita de acordo com as exigências do mercado turístico/consumista (CASTRO JR., 2010, p. 51), pois, conforme Krones (2007, p. 3) “o olhar do turista é estruturado, predeterminado, organizado e direcionado. A(s) mídia(s) estrutura(m) o que o turista opta por visitar e o modo como ele olha para um determinado local”.

Assim, a passagem da Capoeira pela cidade, através do circo, motivou o Mestre Sarará a buscar outras fontes de aprendizagem. Foi quando reencontrou a Capoeira, na “Romaria de Bom Jesus Lapa”, no município Bom Jesus da Lapa, localizado na mesorregião do Vale do São Francisco, Bahia. Esse evento era realizado anualmente, no mês de agosto, com culminância nas comemorações ao padroeiro “Senhor Bom Jesus da Lapa”, conforme pode ser observado a seguir:

[...] O tempo foi passando fui desenvolvendo aí pensei né eu não posso ficar assim desse jeito que eu não vou desenvolver a Capoeira e fui na Romaria de Bom Jesus da Lapa. Chegando lá que eu vi a primeira roda de Capoeira da minha vida. Tinha o mestre, era o Mestre Cebolinha do “Mercado Modelo”, com sua equipe fazendo uma apresentação de Capoeira (...) eu voltei pra conquista, trabalhava aqui na oficina de segunda a sexta. Sexta-feira à noite, 12 horas e amanhecia em salvador, pegava o ônibus no Terminal da França e ia até o Mercado Modelo, lá encontrava o Mestre Cebolinha. Começou a me levar nas academias e me botou no grupo de Capoeira de rua que tinha naquela época que fazia Capoeira de turista. Nós trabalhava sábado e domingo fazendo aquela Capoeira ali de manhã até doze horas nós parava ia fazer um lanche, começava às três horas da tarde de novo e ia até 12 horas da noite (...) Aí eu voltava pra rodoviária pegar o ônibus voltava para Conquista (...) Então isso aí foi um dos primeiros instrumentos para trazer a Capoeira para Vitória da Conquista (...) E lá eu aprendi a Capoeira. Voltando pra Conquista, eu abri a primeira academia de Capoeira no fundo da casa de minha mãe aqui do lado na rua Espírito Santo, 39 – Alegria. E aí foi surgindo os primeiros alunos²².

Essa fala revela alguns aspectos refletidos no contato do Mestre Sarará, feito com o Mestre Cebolinha do Mercado Modelo, “*que fazia Capoeira de turista*”. A passagem do Mestre Sarará pelo Mercado Modelo se

²² Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

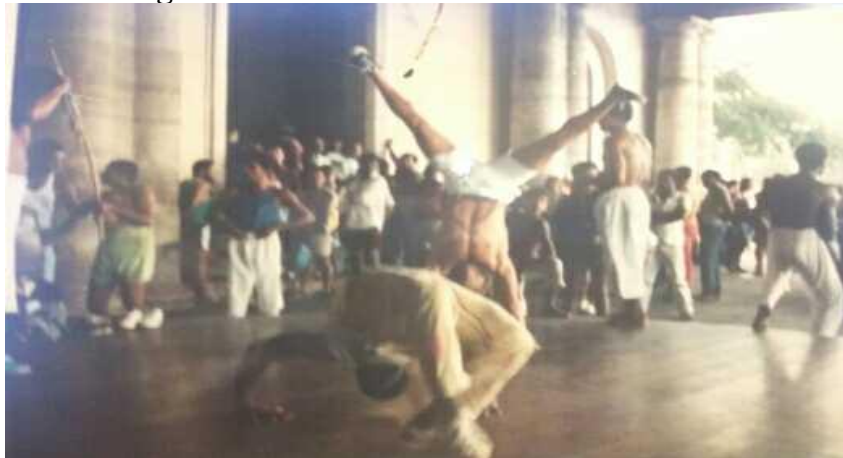
configura como um marco de estratégia para mostrar a sua “ancestralidade” na roda de capoeira como marco de memória, para trazer referências de outros mestres ligados ao lugar de memória, como lócus de prática corporal.

De acordo o Mestre Sarará, a Capoeira do Mercado Modelo,²³ nesse período, estava direcionada para exibição e demonstração para os turistas que chegavam na cidade de Salvador-BA, distante do sentido de prática corporal deixada de herança pelos Mestres Bimba e Pastinha, levando em consideração o mesmo pensamento filosófico trazido pelo Mestre Canjiquinha sobre a prevalência desses estilos praticados por estes mestres na roda. O pensamento do Mestre Canjiquinha era transmitido por ele em uma de suas falas, em que dizia que “a Capoeira não é Angola e nem Regional, se joga conforme o ritmo da música” (SILVA, 1986)²⁴.

A Capoeira, nesse cenário, passou a ser vista como mais uma manifestação exótica do folclore baiano e com possibilidades de ascender, pelo apelo turístico, conforme exemplo de Cunha *et al* (2014, p. 749):

[...] Mestre Waldemar comercializou berimbaus durante muitos anos: ele os pintava com cores vibrantes, e sua forma criativa de pintar agradava os turistas. Até os dias atuais podemos ver sua arte replicada nas feiras e mercados onde os instrumentos coloridos criados por Waldemar ficaram imortalizados, tornando-se símbolo da Bahia (CUNHA *et al*. 2014. p. 749):

Imagem 4– Mestre Sarará no Mercado Modelo



Fonte: Arquivo pessoal do Mestre Sarará, 2017

²³Mercado Modelo da Bahia, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1966. É também um ponto de encontro e convivência, além de espaço de animação artística e cultural da cidade, em que é possível se comprar uma extensa variedade de artigos artesanais: confecções, redes, instrumentos musicais típicos, entalhes em madeira (na sua maioria de inspiração africana), rendas e cestarias da Ilha de Maré, bordados e trançados, bijuterias e adereços, objetos de decoração e utilitários, peças de couro, ferro e cerâmica, as conhecidas bonecas de pano, vestidas de “bairanas”, penças de balangandãs e objetos religiosos, tanto católicos, quanto do candomblé. Encontram-se também pedras semipreciosas, xilogravuras e pinturas primitivistas, bebidas e comidas típicas. Disponível: <http://www.bahia.com.br/roteiros/mercado-modelo/>. Acesso: dezembro de 2017.

²⁴ Depoimento extraído das gravações de 1986 sobre o Mestre Waldemar Rodrigues da Paixão (Mestre Canjiquinha) em São Paulo – SP. Este documento está disponível em: SILVA, Washington Bruno da. Mestre Waldemar Rodrigues da Paixão. São Paulo: Gravações elétricas, 1986.

Castro Jr. (2010) também chama a atenção para o fato de essa realidade não ser hegemônica, como explica:

A participação dos mestres junto à efervescência do turismo resulta de múltiplos entraves, disputas e interesses, pois o envolvimento deles se constitui, singularmente, na engrenagem do “sistema” para atender aos interesses de mercados desse “novo” setor, e eles também não aceitavam, passivamente, as transformações da capoeira em espetáculo para “turista ver”. Contudo, além da capoeira como show de espetáculo para o “turista ver”, em outros lugares da cidade não deixaram de existir as rodas de capoeira que não estavam reproduzindo o modelo das apresentações, mas cujos participantes tinham, apenas, o objetivo de vivenciar a sua cultura. (CASTRO JR., 2010. p. 51)

Ainda nessa discussão sobre as análises de Castro Jr. (2010), pode-se observar a estratégia dos capoeiristas, se colocando em uma posição de negociação e de resistência, diante das investidas do mercado, como pode ser visto a seguir:

Apesar disso, podemos considerar esse contato uma estratégia de negociação da cultura afro-brasileira no sentido de ocupar os espaços colocados pelos dominantes; no entanto, não se pode homogeneizar todas essas relações como iguais, neutras e amistosas. Precisamos reconhecer as diferenças que cada agente cultural (os mestres) estabeleceram com esse setor, compreendendo a duplagem cultural nas posições de negociar e resistir (CASTRO JR., 2010. p. 52).

Nesse ponto, o que também chamou atenção, de acordo os relatos do Mestre Sarará, em relação aos Capoeiristas que se apresentavam para os turistas, foi a presença do Mestre Zênio, em Vitória da Conquista, como professor de Capoeira.

Sobre a presença da Capoeira na festa de Bom Jesus da Lapa, cidade localizada as margens do Rio São Francisco, pode-se afirmar, a partir dos estudos de Santos (2006), que a cidade citada promovia encontros para oração, contando com a presença de povos indígenas e quilombolas, sempre portando a imagem de “Bom Jesus”. A descoberta de ouro em Minas Gerais provocou grande movimentação, através do Rio São Francisco, transformando a Lapa em local de parada para mineiros, vaqueiros e mascates, que aproveitavam para prestar devoção ao *Bom Jesus*. Gradativamente, em resposta ao trabalho de *Francisco*, o povo começa a organizar romarias, sobretudo nas festas do Senhor Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora da Soledade (SANTOS, 2006, p. 1).

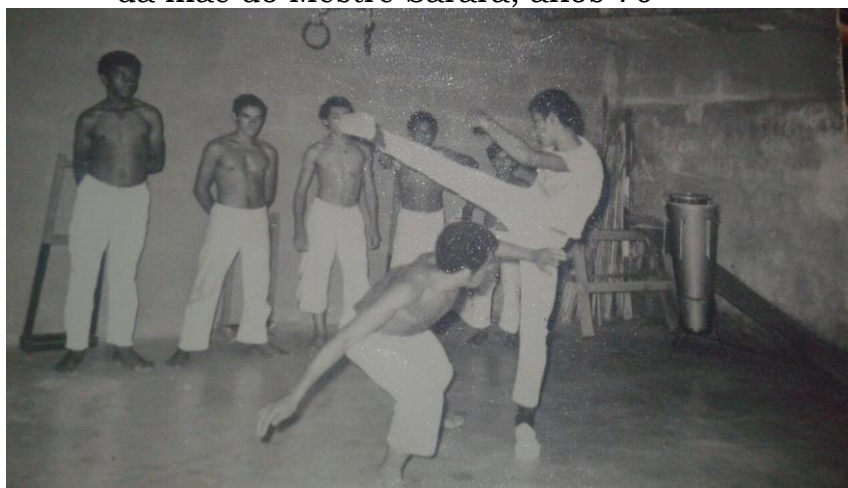
As romarias passaram a atrair romeiros de diversas regiões. Muitas vezes, suas viagens e despesas eram cobertas por prefeitos, fazendeiros e empresários locais, que eram motivados pela devoção ou por outros interesses, inclusive eleitorais. Pessoas que normalmente são vítimas das mais diversas formas de exclusão, desde a econômica e cultural até a digital, acabam sendo incluídas por meio da participação na peregrinação à Lapa (SANTOS, 2006).

O pesquisador chama a atenção para a convivência nesse espaço da fé, da cultura e do turismo. As pessoas encontram programações religiosas, de lazer e atividades culturais. E, nestas festas, a Capoeira estava sempre dando o ar da sua graça.²⁵ Elas eram uma oportunidade para a Capoeira se mostrar, incluindo os carnavais. No caso do Mestre Sarará, isso promoveu a sua aproximação com o Mestre Cebolinha, de Salvador-BA, abrindo caminhos para seu aperfeiçoamento, motivando a abertura do seu grupo de capoeira em Vitória da Conquista-BA, no fundo da casa de sua mãe, situado na Rua Espírito Santo, no Bairro Alegria, denominando de “*Capoeira Sarará*”.

Disputas, conflitos, tensões e resistências: em busca pelo lugar social da capoeira

A busca pelos conhecimentos e fundamentos da Capoeira se revelou importante naquele momento: “eu não sabia os nomes dos golpes da capoeira, então eu tive que procurar conhecimento e fiquei entrosado três anos com esse pessoal do Mercado Modelo: Tomilho, Cacau, Americano, Dai de Ouro, De Mola, Axé, Cebolinha.” Esses desafios são materializados no desbravamento de caminhos em busca de conhecimentos que pudessem contribuir com sua formação como Mestre, mais adiante. A caminhada do Mestre Sarará pela cidade de Salvador-BA significou um passo importante na disseminação da capoeira em Vitória da Conquista, “em 1970 a 72 já tinha capoeira em Vitória da Conquista, (...) com a abertura da academia, os alunos iam chegando!”²⁶.

Imagem 5 – Treino de Capoeira no Fundo da Casa da mãe do Mestre Sarará, anos 70



Fonte: Acervo pessoal do Mestre Sarará, 2017

²⁵ REGO, W. Capoeira Angola: ensaio sócio – etnográfico. Salvador BA: Itapuã, 1968. p. 37. (apud CASTRO JR., 2010. p. 54)

²⁶ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

O Mestre Manuel Sarará, ao relatar seu início na prática da capoeira e também a fundação de sua academia, sempre associa sua prática pedagógica ao passado da cidade, ao citar a capoeira como possibilidade de prática na cidade até a inserção dela através do tempo. É possível perceber, em seus relatos, sua intenção de legitimar-se como “pioneiro” dessa prática corporal na cidade de Vitória da Conquista-BA, já que ela se encontrava em expansão pelo Brasil, através da Capoeira Regional, apoiando-se para isso, em uma história mista de fatos que atuavam no sentido de reforçar ainda mais essa legitimação.

Assim, quando ele busca essa legitimação, está tentando legitimar a sua própria condição de disseminador da capoeira, por não ter tido conhecimento da presença da capoeira em anos anteriores. Ele busca manter vivos os laços obtidos em Salvador-BA, a partir daquilo que foi constituído como luta, tendo a Capoeira Regional como referência, garantindo, posteriormente, a sobrevivência e a formação de uma identidade na Capoeira de Vitória da Conquista-BA ao longo dos anos.

Com dedicação, o Mestre foi recebendo os alunos. Segundo ele, “a academia foi enchendo de aluno, foi aparecendo, foi aparecendo uns bem... destaque, o pessoal foi desenvolvendo a capoeira”. Assim, os praticantes puderam conferir, naquele momento, o primeiro local na cidade onde as pessoas poderiam praticar capoeira. No entanto, o Mestre passou a enfrentar dificuldades financeiras, e o preconceito da sociedade com relação à capoeira, principalmente quando as pessoas faziam alusão ao código penal de outrora, classificando os capoeiristas como malandros, vagabundos e desempregados, como se pode verificar nos relatos seguintes:

[...] tava treinando de manhã cedo, tava treinando no campo o pessoal passava que ia trabalhar pegando café na época, passava e gritava vai trabalhar vagabundo... fica aí jogando perna pra cima, isso não vai dá dinheiro não. Mas eu tinha a capoeira no sangue eu tinha que ficar. Estou nessa minha resistência até hoje²⁷.

Apesar de a cidade presenciar um momento de desenvolvimento econômico, de expansão do comércio e de crescimento populacional, nada impediu que os capoeiristas sofressem discriminação. Esse comportamento influenciaria sobremaneira o trabalho do Mestre Sarará, em relação à existência de uma divisão socioeconômica que se expressava no preconceito entre os dois lados da cidade, dividido pela BR-116.

Nesta mesma linha de raciocínio, ele continua dizendo que: “(...) o pessoal do lado de lá não vinha treinar aqui. Não tinha capoeira lá. (referindo ao outro lado da cidade). Quando eu falava que minha academia era no bairro Alegria, o pessoal falava: ‘do lado de lá eu não vou não, não caio nessa não’. Eles não vinham do lado de cá, não”²⁸.

O lugar social que o Mestre Manuel Sarará ocupou nesse espaço mostra, com evidência, as disputas e os conflitos de espaço, fortalecidos pela configuração geográfica da cidade, além de preservar um imaginário

²⁷ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

²⁸ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

preconceituoso, construído acerca da população, que estabelecia suas moradias nas proximidades da “Lagoa do Jurema”, espaço que abrange o Bairro Alegria, onde se encontra a academia do Mestre Sarará. Em virtude disso, a lagoa referida se tornou uma Unidade de Conservação em 2007, através da Lei nº 1.410²⁹, que disciplina o Código Ambiental do Município de Vitória da Conquista-BA, no seu art. 23, inciso II, passando a ser denominada de “Parque Municipal Urbano da Lagoa da Jurema”. O parque está localizado no Bairro Jurema, Zona Oeste da cidade, às margens da BR-116.

Imagem 6 – Ocupações e Contaminação em torno da “Lagoa do Jurema”



Fonte: Artur José Pires Veiga, 2010.

Ao redor desse Parque, ao longo dos anos, formou-se uma área residencial, mediante ocupação, conforme mostra a imagem acima, chamada de “Alegria”. Conforme estudos de Alves (2013, p. 70) essa área:

[...] vem sendo historicamente ocupada de forma irregular pela população, o que aumenta os riscos de vulnerabilidade socioambiental, cujos moradores do entorno são desprovidos de estruturas básicas de saneamento, serviços urbanos e equipamentos comunitários essenciais, culminando na apropriação dissonante com os preceitos legais sobre áreas de Unidade de Conservação.

O Mestre Sarará enfrentou conflitos e tensões no seu processo de estabelecimento na cidade, tanto no que diz respeito à moradia, quanto no que se refere ao estabelecimento de sua academia, localizada às margens de espaços não planejados - “às margens da BR-116, numa área sem infraestrutura adequada para moradia”, conforme Alves (2013, p. 70). Dessa forma, o local se associava à materialização da segregação socioeconômica da cidade.

Nos relatos do Mestre Sarará, em relação à referência ao “lado de lá”, ao “lado de cá”, ao “corte social”, produzido pela BR-116 – a Avenida da Integração - é possível retomar as análises de Santos e Almeida (2009), ao se referirem a essa rodovia/avenida como um divisor simbólico da segregação

²⁹ Disponível: http://www.pmvc.ba.gov.br/wp-content/uploads/CODIGOMUNICIPAL_MEIOAMBIENTE.pdf. Acesso: setembro de 2017.

em Vitória da Conquista-BA, concluindo o seguinte:

A ocupação da área da 'Lagoa do Jurema' revela a exclusão da população de baixa renda que, numa constante luta contra as adversidades socioambientais pela sobrevivência, se instalou nesse ambiente insalubre com péssimas condições de infra-estrutura e de moradia, cujas casas apresentam bases estruturais inseguras, com infiltrações e rachaduras aparentes, em que os riscos de desmoronamento são eminentes [...] Enfrentando constantemente ordens de desocupação da área por parte do poder público, o qual se apóia no argumento de que é uma área de proteção ambiental e que, portanto, não pode ser residencial de acordo com os preceitos do código de meio ambiente do município (ALVES, 2013, p. 70).

Esses dados revelam o lugar social que as pessoas ocupavam. A cidade se dividiu em dois lados, delimitados pelas condições de infraestrutura, determinando os locais e os tipos de práticas corporais que a cidade assumiria nesse determinado espaço e tempo. A prática da Capoeira não gozava de prestígio social entre as pessoas da classe média.

De um lado, prevalecia a sobrevivência da Capoeira, através do da resistência do Mestre Sarará ao preconceito e às desigualdades, perante sua luta para manter a prática corporal e a disseminação da Capoeira. E do outro lado da cidade, o estabelecimento práticas corporais nas quais ocupavam, cada vez mais, espaços institucionalizados e específicos para atender a demanda da população da classe média, as "artes marciais". A Capoeira, todavia, não fazia parte daquilo que a mídia disseminava como possibilidade de prática para que pudesse ser facilmente encontrada em Vitória da Conquista-BA.

Era nesses lugares que a capoeira se tornava símbolo de resistência, assim como uma prática corporal que tentava superar todas essas mazelas sociais observadas nos relatos do Mestre, que apresenta, também, a negação do seu pai:

meu pai não gostava não. Ele nunca queria que eu jogasse capoeira, quando ele descobriu, eu já era professor já. Aí ele aceitou né. Ele me colocou do lado da academia assim e mandou eu jogar pra ele ver,(...) e ele falou tá tudo bem e saiu³⁰.

Por outro lado, contou com o apoio da mãe que, nos momentos difíceis, o motivava a não desistir: "como é que Deus lhe dá um negócio e você vai pular fora? Você tem que ir pra frente". Essa resistência aumentou sua determinação quanto à necessidade e a importância da continuidade e preservação da Capoeira.

Ao se considerar o território como um ponto de ingresso, tem-se o território do corpo, que trata da relação do corpo com as adjacências, apresentando como propriedade a flexibilidade que lhe atribui a capacidade de expandir-se ou contrair-se (SODRÉ, 2002). No caso do Mestre Sarará, a partir de sua academia, outros capoeiristas aprenderam seus fundamentos e criaram outros espaços de prática na cidade, dando assistência às crianças e jovens:

³⁰ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

[...] Depois os alunos foi crescendo. Pantera cresceu. (...) Foi virando rapaz. E eles abriu a capoeira nos outros bairros e a capoeira de Conquista cresceu. Mas cresceu dentro do grupo nosso aí foi surgindo outros grupos, Consciência Negra (...). Depois veio surgindo os outros. Caveirinha, Coló, Mestre Ribeiro, Mestre Wilson (...). Já estamos em cinco estados, estamos na faixa de 700 adeptos com bons professores na entidade, filantrópica, sem fins lucrativos e fazendo sua parte para tirar crianças da rua, da droga e do tráfico³¹.

Pode-se perceber também que as memórias da Capoeira trazidas por ele carregam alguns signos, nesse espaço de legitimação de sua prática, perante outras, dentro da cidade. Essas disputas de espaço se configuraram a partir de tensões geradas pela presença de outras práticas corporais na cidade, as quais legitimavam as artes marciais como modalidade esportiva. Por isso, é possível perceber a necessidade de mostrar legitimidade perante o público que assistia as rodas de capoeira, realizadas nas ruas, praças e feiras livres, o que também era uma tática e estratégia utilizada pelo Mestre Bimba. Sobre esse acontecimento na cidade, o Mestre Manuel Sarará relata:

[...] o desafio era na roda. Tinha os desafios das lutas também, onde era chamado pessoas praticantes de qualquer luta para ser desafiado dentro da roda, a gente falava assim: “olha pessoal se tiver alguém aí que faz alguma coisa e queira sair na mão pra ver se é forte mesmo pode entrar aqui que a capoeira ta esperando (...) Já tinha o Karatê de Dalmácio naquela época, tem uns vivos ainda. Tinha o judô, tinha o Boxe do mestre João, tinha o Karatê do mestre Leke, tinha o Kung Fu de Ciprião. Vitória da Conquista tava cheio de Arte marcial³².

Essas disputas de espaço mostraram o lugar social que a capoeira ocupava, na cidade, nesse primeiro momento, em relação às artes marciais³³. Era estigmatizada, como prática oriunda da cultura negra, que a sociedade sempre pretendeu embranquecer. Isso representa a omissão sobre qualquer penetração do simbolismo negro-africano, sobre qualquer sedução da cultura das massas (SODRÉ, 2002, p.48).

Assim, a capoeira carregava o *ethos* de preconceito e discriminação étnico-sócio-racial, em meio aos discursos da sociedade conquistense situada “do lado de cá”, já que os praticantes de artes marciais da cidade não precisavam esconder suas vestimentas e muito menos se preocuparem com retaliações, como pode-se perceber no relato do Mestre Sarará, ao descrever as indumentárias dos capoeiristas da época:

³¹ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

³² Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

³³ Após analisar os indícios de infiltração da cultura oriental, na sociedade brasileira, a partir dos periódicos de maior circulação (revistas “Veja” e “O Cruzeiro”), nas décadas de 1970, em São Paulo, como parte da metodologia utilizada em seu trabalho, Marta (2009) difere o uso dos termos “Artes Marciais” e “Artes Marciais Orientais”, em que o primeiro não vai se referir apenas aos sistemas de ataque e defesa com os próprios corpos criados nos países do Oriente, sendo um termo também utilizado para designar toda e qualquer técnica de preparação dos seres humanos para a guerra com ou sem utilização de armas, em que essas “artes” tiveram seu espaço junto à cultura corporal do ocidente.

[...] Hoje o negócio fica bonitinho, o uniforme do Capoeira é padronizado. E naquele tempo era como se fosse os negros da escravidão. A gente ia na feira comprava o saco de açúcar e botava dentro da água sanitária pra embranquecer. Depois que ficava branquinho aí você desmanchava e ele fazia o pano, e mandava minha mãe costurar. Minha mãe era costureira, ela fazia as roupas pra nós. (...) Ela fazia as calças, e as camisa nós comprava pronta, da Hering, aquelas camiseta branca. A calça naquele tempo batia no meio da canela, hoje não o uniforme é bonito bate aqui em baixo, né. (...) a capoeira de rua, de jeito que você tivesse, o uniforme que você tivesse vestido você entrava na roda. Depois que a academia organizou eu fiz o padrão da capoeira de calça branca e camisa branca. Ai ficou tudo bonitinho³⁴.

As vestimentas apresentavam à sociedade um caráter subversivo, trazendo o corpo negro como “corpo rebelde” aos padrões estabelecidos de uma sociedade, que, na época, primava pela busca de um modelo de civilização a partir da apropriação de padrões de outras culturas. Para Sodré (2005), essa forma de se rebelar através do corpo faz parte do arcabouço ligado à cultura do negro no Brasil, trazendo a Capoeira como elemento de afirmação de um corpo orgulhoso de sua vitalidade e ciente de seus segredos, de sua mandinga (SODRÉ, 2002, p. 161) para afirmar um estilo “individual”, perante as desavenças, sendo uma forma de “grito de protesto”.

Pode-se dizer, então, que “jogar” capoeira, nesse período, na cidade, trazia a ânsia de superar os próprios limites estabelecidos pelo sistema, pois “no instante em que se joga, em que se brinca a capoeira, os movimentos dos indivíduos libertam-se de qualquer causa externa, de qualquer justificativa racional outorgada por outro, possibilitando um desfrute instantâneo do real” (SODRÉ, 2002, p. 162).

E assim, “gingando” contra os conflitos e tensões, o Mestre Sarará foi construindo seu legado no universo da capoeira. Sua dedicação pode ser identificada em seus relatos: “praticamente, essa capoeira de Vitória da Conquista, são quase todos da nossa linhagem: Mestre Pantera, Guerreiro, Poroca, Pelorinho Bahia”. Para além do discurso, esse legado se reafirma na cidade, através da presença de grupos de capoeira que foram se formando, a partir da disseminação da prática de capoeira, os quais passaram pelo seu “quintal”, como o Mestre Pantera, idealizador e fundador do Grupo de Capoeira Consciência Negra em Vitória da Conquista-Ba. Outro elemento material que pode comprovar a permanência de seu legado é a sua própria academia no bairro Alegria, que se encontra no mesmo local, desde os anos de 1960 até os dias de hoje, sendo uma marca da cidade, como lugar de memória desta prática corporal.

Imagem 7 – Academia de Mestre Sarará no *Bairro Alegria*, Vitória da Conquista-BA

³⁴ Entrevista concedida ao autor por Manuel Alves Fernandes, Mestre Sarará, em 17 de maio de 2017, na cidade de Vitória da Conquista-BA.

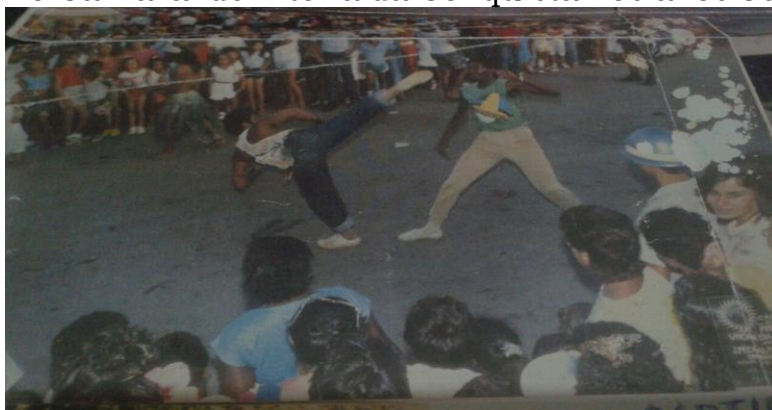


Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Ainda sobre o discurso do Mestre Sarará, pode-se perceber que ele cita os mestres renomados da cidade, ao trazer uma memória em disputa, configurada na tentativa de legitimar seu próprio nome, como disseminador da capoeira na cidade. Assim, a Capoeira se dissemina para outros espaços na cidade da academia do Mestre Sarará, levada por ele e por seus alunos para as ruas e praças públicas de Vitória da Conquista, alcançando eventos públicos, festas de largo e carnaval. Observa-se, a seguir, na imagem, o Mestre Sarará com seu grupo participando do carnaval de Vitória da Conquista, na década de 80.

[...] Porque nossa capoeira não ficava dentro da academia, nós ia pra rua e o povo gostava de ver aquilo, mas pra fazer aquilo em Conquista... o povo é que queria ver, o povo aplaudia, o povo gritava. Nós lançava desafios dentro da roda, entendeu? Às vezes aparecia gente às vezes não aparecia e mesmo assim nós fazia a festa, o povo de Conquista atende... Se você botar a capoeira bem bonita na praça o pessoal lhe aplaude, mas se você tiver jogando fechado, o povo passa pra lá e pra cá e nem olha, passa direto³⁵.

Imagem 8 – Jogo de Capoeira entre o Mestre Sarará e Guerreiro (Pelezinho) no Carnaval de Vitória da Conquista nos anos 80



Fonte: acervo pessoal do Mestre Sarará, 2017

³⁵ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

A identidade que se tem construída do mestre Sarará perpassa as memórias dos grupos da cidade, como sendo dono de um estilo próprio e peculiar, ao demonstrar rigidez nos treinamentos, exigindo rendimento de seus alunos. Assim, ele relata que a sua “finalidade era formar atletas guerreiros e gladiadores da capoeira”. Para ele, a capoeira exigia dedicação durante os treinos para atender às expectativas da época, segundo o Mestre Sarará:

[...] a capoeira da época é assim: você aprendia a capoeira, se fosse bom você podia entrar na roda, se você não fosse, você ficava de fora, porque se você entrasse sem saber você apanhava. Então a finalidade dos caras era mostrar quem é melhor dentro da roda. Então esse grupo nossos era todo mundo bom, era difícil um acertar no outro. Agora, quando entrava um capoeira de fora na rua, aí os meninos arripiava, se não fosse bom de capoeira, né³⁶?

Essa formação, atrelada à concepção de alto rendimento, traduzia o sentido de esporte como instituição, influenciando pessoas, em maior ou menor grau, durante a utilização de técnicas aprimoradas no intuito de ascender o nível de competição. Em outras palavras, pode-se inferir que o Mestre Sarará foi influenciado, de certa forma, pelo esporte de alto rendimento presente neste período, através da influência “esportivista” das décadas de 1970, valores impregnados na racionalidade capitalista em torno do processo de aprendizado dos movimentos³⁷.

Além disso, o mestre Sarará trouxe relatos das dificuldades encontradas nesse período, durante o processo de disseminação da Capoeira na cidade, já que ele enfrentava sozinho todas as dificuldades causadas pelas tensões provocadas pela discriminação e pela falta de apoio e de reconhecimento da Capoeira como prática corporal historicamente construída, sendo um espaço de enfrentamento, conforme seus relatos:

[...] A dificuldade que eu encontrei foi um apoio, porque a capoeira era marginalizada, então praticamente ninguém apoiava a gente. Só depois que começou a aparecer no grupo mais uns três, ou quatro, ou cinco, ou seis adeptos e (...) que conseguiu o mínimo de apoio³⁸.

O Mestre ainda completa seu raciocínio, ao mostrar que, em meio às dificuldades, as demonstrações do jogo de capoeira na rua tinham um propósito, que não era reconhecido pelas outras pessoas, ao rememorar que:

[...] Às vezes a gente tava jogando capoeira na rua, o pessoal... Uns passavam e achavam bonito né? Jogava até dinheiro na roda, outros chamavam a gente de vagabundo: ô, esses caras não faz nada, o dia todo jogando capoeira, e tal. Mas não era isso né? A gente tava a fim

³⁶ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

³⁷ Esse processo de esportivização se aproxima do que Elias (1994) considera como *processo civilizador*³⁷, refletido na divisão do espaço geográfico, fazendo prevalecer a resistência possível e objetiva da exclusão social.

³⁸ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

de um objetivo, que era preparar o corpo e transmitir a capoeira pra outras pessoas³⁹.

Havia ainda a rivalidade entre os próprios capoeiristas da cidade, onde confrontavam com o outro na tentativa de não permitir que o outro constituísse formação de grupos de capoeira, conforme pode ser observado em seus relatos: “nós ficamos (...). anos na resistência só eu que comandava essa capoeira aqui (...) seguramos 20 anos na resistência e ninguém conseguiu entrar aqui”.

Essas disputas de território demarcavam conflitos entre os praticantes da época, já que, de acordo com a fala do Mestre, os grupos que tentavam se estabelecer na cidade se deparavam com as tentativas de “resistência” do Mestre Sarará, ao se separarem com enfrentamentos nas rodas e, até mesmo, fora dos espaços de prática, aumentando a rivalidade entre os praticantes de sua academia com os demais que começavam a se estabelecer na cidade.

Apesar dessa “resistência” demonstrada pelo Mestre Sarará, ao tentar impedir que outros grupos de capoeiristas se instalassem na cidade a fim de disseminar a Capoeira, ele ressalta os laços de amizade firmados nas rodas de Capoeira em outros lugares por que passou: “fizemos muitas amizades com o pessoal de fora, acaba a gente viaja muito, aí vai chegando lá fora (...) deixa o cara aí”⁴⁰. Porém, muitos desafetos foram criados e mantidos por outros grupos, aumentando as disputas geradas pelos confrontos durante esse processo de disseminação da Capoeira como possibilidade de prática corporal na cidade, nesse período, a partir da vivência do Mestre Manoel Sarará.

Considerações Finais

Ao se investigar o processo de disseminação da capoeira em Vitória da Conquista, foram encontrados indícios de que sua prática era vista, não como uma unanimidade, mas como uma prática que enfrentou resistência. Dessa maneira, a partir de minuciosa análise, conclui-se que Mestre Sarará trouxe, na memória da Capoeira, em Vitória da Conquista-BA, possibilidades de entendimento do quanto essa prática corporal começou a ocupar novos espaços em meio ao conflito territorial, mesmo havendo conflitos expressos através de uma disputa por legitimidade na cidade. Desse modo, é evidente a presença de um fio condutor, que leva os capoeiristas da época a convergirem seus objetivos para uma reafirmação da cultura negra na cidade, no intuito de encontrarem espaços perante o não reconhecimento, por parte da sociedade, da sua presença nela.

Essa discussão nos proporcionou abrir vários horizontes de reflexão sobre o processo de disseminação da Capoeira, tal como se pôde verificar na

³⁹ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

⁴⁰ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

trajetória do Mestre Sarará, que desvela a luta e a resistência, tanto em sua trajetória de vida até conquistar a visibilidade da Capoeira, treinando e ensinando de forma muito dura, quanto nas lutas das famílias para manterem sua sustentabilidade. Como se pode ver, o exemplo da trajetória e do cotidiano da família do Circo “Coca-cola” culminou em outra memória de luta pela sobrevivência, através dos espetáculos, a do Mestre Lula, um dos grandes motivos que impulsionaram o Mestre Sarará dar continuidade ao jogo desta grande roda.

Tal constatação leva à reflexão sobre a possibilidade de a capoeira de Vitória da Conquista-BA, em seu processo de disseminação, ter um forte apelo por uma prática social de shows, em um determinado momento, no sentido de mostrar para a sociedade da época o que era a capoeira – lutar na tentativa de se afirmar como instrumento de defesa pessoal – como foi visto na própria história da presença da capoeira no circo “Coca-Cola”, nas apresentações de capoeira durante o carnaval e nos desafios às outras lutas.

Dessa forma, os estudos sobre a Capoeira em Vitória da Conquista trouxeram possibilidades de compreensão da relação entre as memórias apresentadas pelo Mestre Sarará e as adversidades enfrentadas por ele, através de disputas de cunho socioeconômico e étnico-racial. Além disso, permitiu o aprofundamento de análises da memória do Mestre Sarará, marcadas por: superação advinda de suas trajetórias de vida, desde a infância; vivências conflituosas na escola excludente; vida rural; busca de empregabilidade e sustentabilidade; desmoralização; resistência ao preconceito racial; enfrentamentos políticos; disputas de memórias; ocupação de espaço e autonomia; iniciativas que impulsionaram a disseminação da capoeira; reencontros com o passado e com os reajustes perdidos no tempo.

Portanto, em vista do contexto vivenciado pelo Mestre Sarará, entende-se que a capoeira presente na cidade, durante os períodos delimitados a partir da memória do mestre Sarará, era uma prática restrita apenas aos grupos localizados “do lado de lá”, zona oeste de Vitória da Conquista-BA. A prática vivenciada e mantida por eles abre horizontes para novas discussões e questionamentos, entre eles: como uma prática corporal tão discriminada pela sociedade de Vitória da Conquista-BA pôde se estabelecer como instrumento de resistência e luta em meio às tensões e disputas contra o “lado de cá”, zona leste da cidade? Quais tipos de práticas corporais eram determinantes entre as várias classes sociais da época? Assim, foi possível questionar que tipo de espaço a capoeira ocupava em determinados lugares, ao levar em consideração as disputas de espaço que ocorriam na cidade com outras práticas corporais (principalmente a presença das artes marciais orientais) e a participação do poder público no processo de disseminação da Capoeira pela cidade.

“Entrar na roda”, portanto, trouxe a esta pesquisa o sentido e o significado de pensar a capoeira presente no âmago da cidade, ao longo dos anos e de seu desenvolvimento. Os estudos sobre a memória da Capoeira, na cidade de Vitória da Conquista-BA, apontaram indícios de contribuição tanto para o campo de pesquisa, que trata a capoeira como objeto de estudo, quanto para os acervos bibliográficos, tão procurados pelos capoeiristas e pesquisadores, que têm interesse pelo assunto na cidade. A relevância social

e cultural desta pesquisa está justamente no grande apelo das comunidades capoeiristas, sedentas por registrar suas histórias, bem como na contribuição para as pesquisas historiográficas de Vitória da Conquista-BA e do Brasil, tendo em vista o processo de visibilidade através das narrativas das memórias do mestre Sarará e através dos saberes sobre os subalternos.

Referências bibliográficas

AGENDA 21. *A Conquista do Futuro: cenários para o desenvolvimento sustentável*. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. Vitória da Conquista, 2004. Murilo Rodrigues Guimarães (Organizador).

ALVES, Daniel Cardoso. *Percepção Ambiental sobre Unidades de Conservação de Vitória da Conquista – BA: estudo de casos dos Parques Municipais Urbanos das Bateias e do Jurema*. 2013. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.

ARÓSTEGUI, Júlio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Unicam: Campinas-SP, 2011.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. São Paulo: Loyola, 1999.

CASTRO JR., Luis Vitor. *Campos de visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955 - 1985)*. Brasília: Ministério do Esporte/ 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 3. Ed. v.174. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

CUNHA, Igor Márcio Corrêa Fernandes da. et al. Capoeira: a memória social construída por meio do corpo. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 735-755, abr./jun. de 2014.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2 v. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994.

FENTRESS, James.; WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros. *O urbano em construção*: Vitória da

Conquista, um retrato de duas décadas. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes. 1987.

KRONES, Joachim Michael. *Turismo e baianidade: a construção da marca "bahia"*. III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, 2007, Salvador-Bahia. *Anais eletrônicos...* Salvador, Faculdade de Comunicação/UFBA, 2007 Disponível: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/JoachimMichaelKrones.pdf>. Acesso: dezembro de 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n. 10. São Paulo, dez.1993.

PASSOS, Daniela de Alencar. *Os Artistas Do Ringue: Memórias do Telecatch Curitiba*. ANPUH XXIV Simpósio Nacional De História, 2013. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364944312_ARQUIVO_AR TIGotelecatchDANIELLAPASSOS.pdf

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. *Tempo*, Rio de Janeiro, v 1, n.2, p. 59-72, 1997.

REIS, Leticia Vidor de Sousa. A capoeira: de doença moral à gymnástica nacional. *Revista História*, São Paulo, n. 129-131, p. 221-235, ago.-dez. 1994.

ROCHA, Flávia Amaral; AMARAL, Urânia Teixeira. Dinâmica Populacional do Território de Vitória da Conquista. In.: VIII Encontro Baiano de Geografia. X Semana de Geografia da UESB, 2011. Vitória da Conquista-BA. *Anais (On line)*. Vitória da Conquista, UESB, 2011. Disponível: <http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/5g.pdf> Acesso: setembro de 2017.

SANTOS, Alexandre de Jesus; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. *Vitória da Conquista em contraste: a avenida da integração e a luta de classes*. In.: XX Ciclo de estudos Históricos, 2009, Ilhéus. Anais do XX Ciclo de estudos Históricos. Ilhéus. UESV, 2009. V. 1. P.1-8. Disponível: www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/alexandre_de_jesus_santos.pdf . Acesso: maio de 2017.

SILVA, José Milton Ferreira da. *A Linguagem do Corpo na capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SILVA, Washington Bruno da. *Mestre Waldemar Rodrigues da Paixão (Mestre Canjiquinha)*. São Paulo: Gravações elétricas, 1986.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro. Bahia: Prosa e Poesia. AMAGO, 2002.

TANAJURA, Mozart. *História de Conquista: Crônica de uma Cidade*. Vitória da Conquista – BA, 1992.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VERGER, Pierre. *Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos no Brasil e na Antiga Costa dos Escravos, na África*. Tradução de Carlos Eugenio Marcondes de Moura, 2.ed. São Paulo: Ed.USP, 2000.

VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. *Pró-posições*, Campinas, v. 14, n. 2, p. 21-29, maio/ago. 2003b.

VIGARELLO, Georges. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, D. B. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

Recebido em 29 de abril de 2018
Aprovado em 14 de outubro de 2018